



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**LUCÉLIA ADAMI NUNES
(depoimento)**

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-282

Entrevistado: Lucélia Adami Nunes

Nascimento: 24/04/1954

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistador/a: Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 24/05/2012

Transcrição: Diego Simon Prates

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 11

Observações:

Observações: Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Luciane Silveira Soares intitulada *Memórias em Movimento: histórias do Grupo de Dança da UFRGS* desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento da entrevistada com o Grupo de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Criação do Grupo; formação em Educação Física; influência do Grupo na sua trajetória profissional; processo de criação coreográfica do Grupo; principais coreografias; cenário da dança em Porto Alegre; Encerramento das atividades do Grupo.

Porto Alegre, 24 de maio de 2012. Entrevista com Lucélia Adami Nunes cargo do pesquisador Luciane Silveira Soares para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

Lucélia inicia a entrevista mostrando seu álbum pessoal com fotografias do Grupo de Dança da UFRGS¹.

L.N. – Na época não tínhamos muitas fotos. Eu dançava em quase todas as coreografias.

L.S. – Tu entraste no Grupo em 1976?

L. N. – Isso, quando eu entrei aqui para a ESEF²...

L.S. – Em 1976 tu entraste na graduação?

L.N. – Entrei em 1975 no segundo semestre; eu era daquela época que meio semestre era o básico, cadeiras. No segundo semestre eu conheci e fiquei encantada com o Grupo de Dança e eu participava da disciplina de Rítmica com a professora Zaida³, depois entrei para o Grupo de Dança e fiquei até 1983. Após entrei para o Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos” dirigido pela professora Nilva Pinto⁴, que estou até hoje. Neste ano (2012) eu entrei na graduação com ingresso de diplomado, porque meu sonho sempre foi fazer curso de dança na época que fiz vestibular não havia por aqui.

L.S. – E tu seguiste a tua carreira de Dança?

L. N. – Sempre dança escolar, sempre, sempre...

L.S. – Tu és professora?

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Grupo manteve-se atuante entre 1976 e 1983.

² Escola Superior de Educação Física da UFRGS.

³ Zaida Marques.

⁴ Nilva Teresinha Dutra Pinto.

L.N. – Sim, já me aposentei em 2003 e continuo trabalhando no Estado, no Colégio Farroupilha, trabalhei no Batista⁵ e Bom Conselho⁶.

L.S. – Mas tu trabalhas com o currículo por atividades?

L.N. – Sim. No Farroupilha há 25 anos e atualmente com o projeto “Oficina Afro-indígena”.

L.S. – Tu que criaste?

L.N. – Eu fiz um projeto, porque a lei obrigou um estudo das etnias afro-descendentes a partir de 2008. No Farroupilha começou em 2009. Fui fazer curso no Memorial do Rio Grande do Sul para aprender um pouco; pesquisei, fiz um projeto, deu super certo. É o quarto ano que eu estou desenvolvendo o projeto, mas sempre a dança fazendo parte.

L.S. – Antes de entrar no Grupo de Dança da UFRGS tu já tinhas experiência de dança?

L.N. – A minha experiência de dança antes... Nunca fui para uma academia porque eu morava no interior, em Guaporé. A formação em dança foi aqui em Porto Alegre, fiz balé na escola de João Luiz Rolla.

L.S. – Na Escola do professor Rolla tu entraste em que ano?

L.N.– Deve ter sido em 1976. Porque a Morgada⁷ que me incentivou para conhecer a técnica do balé clássico.

L.S. – O que influenciou por essa tua opção pela dança escolar? O Grupo de Dança? O Rolla?

⁵ Colégio Batista Porto Alegre.

⁶ Colégio Bom Conselho.

⁷ Morgada Assumpção Cunha, professora da ESEF e diretora do Grupo de Danças da UFRGS.

L.N. – Me encantei com a dança aqui na UFRGS com a Morgada e a professora Zaida na Ginástica Rítmica. Não sei como estão os cursos atualmente ou como eles passaram a ser, mas, naquela época que tinha a Morgada e tinha a Zaida... Já na época do curso de Educação Física eu decidi. Após a formatura fui trabalhar com dança na escola.

L.S. – E tu achas que o Grupo te influenciou nessa escolha?

L.N. – O da UFRGS? Com certeza! A Morgada, o Rolla e agora a Nilva, foram os professores que me motivaram.

L.S. – Me fala um pouco sobre a tua entrada no Grupo, qual era a rotina de aulas, rotinas de ensaios...

L.N. – Os ensaios eram semanais, eu não lembro se eram três ou mais. Dois eram fixos, e mais os eventuais no final de tarde, na sala de dança. Oferecido para todos os cursos da UFRGS, a grande maioria eram estudantes de Educação Física e funcionava como extensão universitária, no final do ano recebíamos um certificado. A Morgada encaminhava pela Reitoria com as horas aula, funcionava como um curso de extensão.

L.S. – Dessa rotina eu queria que tu me falasse um pouco sobre como era fazer parte desse grupo?

L.N. – Montava-se o Grupo no início do ano e mais ou menos ele se mantinha. Entravam pessoas de outras áreas, alguns não conseguiam acompanhar ou não tinham o mínimo de técnica que a Morgada exigia e não ficavam.

L.S. – Tu chegaste a fazer audição para entrar?

L.N. – Não, porque a Morgada me convidou da graduação.

L.S. – Ah, da disciplina?

L.N. – Isso, ela convidava alunas da graduação em Educação Física para o Grupo. Eu não fiz audição, mas muitos faziam, os de fora faziam, tinham que improvisar; a Morgada colocava a música e sugeria um tema: alegria, tristeza, natureza e as pessoas tinham que improvisar. Ela fazia muito isso.

L.S. – Levando em consideração esse movimento de criação, como tu caracterizarias o Grupo de Dança da UFRGS? Em que modalidade de dança tu achaS que o Grupo trabalhava?

L.N. – Como assim?

L.S. – Dança moderna, dança contemporânea, o quê?

L. N.– Os programas todos tu vais ver: dança contemporânea. Eu não vejo o grupo da Morgana como dança contemporânea, porque ela não seguia, um mestre como Martha Graham⁸, que é bem contemporânea. Eu vejo mais como uma dança moderna, porque foi só naquele período que começou o jazz, e ocorreu uma mudança grande aqui em Porto Alegre, onde surgiram os vários grupos. Hoje eu diria: dança criativa, eu acho assim: dança moderna criativa, que é o que a Morgada sempre coreografou. E essa vivência nesse Grupo é o que me deu suporte para trabalhar na escola e se tu fores em todas as escolas que eu trabalhei vais ouvir: “A Lucélia é muito criativa... dá para a Lucélia que ela vai dar conta”. Mas isso é uma coisa que eu desenvolvi com a Morgada e com a participação, a vivência no Grupo.

L.S. – Porque vocês participavam da criação coreográfica?

L.N. – Sim.

L.S. – Sempre?

⁸ Referência ao estilo de Martha Graham de dança moderna estruturada entre os anos 20 e 30 do século XX na América do Norte.

L.N.– A Morgada escrevia as coreografias, até hoje ela escreve... Vinha com a ideia, depois do aquecimento, formávamos grupos e tinha a atividade de laboratório. A Morgada era muito disciplinada, ela não começava uma aula sem o aquecimento, sem uma movimentação, sem os deslocamentos... Ou com o tamborete ou com uma música, então, a gente fazia deslocamentos, diagonais, movimentos, onde treinava técnica. Com esta atividade inicial ela preparava os alunos para o que ela precisava, tinha uma habilidade muito grande nisso; depois desse movimento ela começava a ensinar coreografia ou as montagens, sempre em forma de laboratório. Ela tinha um diferencial naquela época, entre os grupos, tinha o Phoenix⁹, o Mudança¹⁰, a Chemale¹¹, a Lenita¹², todos esses grupos na época faziam muitas apresentações, muitos festivais... A Morgada lotava o Salão de Atos da UFRGS, porque era uma dança criativa... Eu me lembro quando a gente dançou “A Vela”¹³, ela fez uma armação, panos, a gente não aparecia, a única que aparecia era a Margareth¹⁴, a chama. E o que a gente fazia? Fazíamos bolinhas de tule largando do alto. Mas o visual era lindo! Ela tinha umas ideias muito bonitas, originais.

L.S. – E como que era a relação do Grupo com os outros grupos?

L.N. – Bom relacionamento. Os outros grupos tinham mais técnica. E nós? A criatividade, que agradava o público. Era o que diferenciava o grupo da Morgada dos outros.

L.S. – Tu achas que o Grupo de Dança da UFRGS tinha uma visibilidade perante os outros grupos na cidade?

L.N. – Sim. Participávamos de vários festivais, fomos à um em São Paulo a convite de Hulda Bitencourt que era a coreografa do Cisne Negro¹⁵ e amiga da Morgada. Ela viu nosso trabalho e gostou muito. A Morgada tinha um trabalho bem diferenciado, que se destacava pela criatividade.

⁹ Ballet Phoenix, grupo de dança fundado por Tony Seitz Petzhold.

¹⁰ Grupo Mudança dirigido por Eva Schul.

¹¹ Referindo-se ao Geração Grupo de Dança fundado por Denise Chemale Berger.

¹² Lenita Ruschel Pereira fundadora do Imbahá Grupo de Dança.

¹³ Coreografia realizada na ocasião do aniversário de Adriana Calcanhoto, filha de Morgada Cunha.

¹⁴ Margareh Leyser.

¹⁵ Cisne Negro Cia. De Dança.

L.S. – Não eram festivais competitivos? Eram mais mostras?

L.N. – Eram mais mostras.

L.S. – Mas eu queria saber de ti, além de bailarina, tu desempenhaste algum outro papel dentro do Grupo?

L.N. – Não, eu sempre fui bailarina até o Grupo acabar. Na época as gurias estavam querendo assumir o comando, estavam querendo coreografar... Um dia no final do ensaio a Morgada falou: “O Grupo é meu, eu mando, eu coordeno e eu vou acabar o Grupo”. Isso foi em 1983 e ela acabou.

L.S. – Ninguém esperava que fosse acabar?

L.N. – Não...

L. S. – Foi uma decisão dela?

L.N. – Ela decidiu. A Morgada distribuiu as fantasias para integrantes do Grupo que trabalhavam em escola; levei várias coisas, papéis e polígrafos, enfim, fui na casa dela buscar. A Margareth e a Margô¹⁶, quiseram continuar o Grupo. A Leci¹⁷ trabalhava no União¹⁸, conseguiram espaço, criaram o grupo que se chamou “A Tempo”. Eu também participei. Eu tenho o programa, a gente dançou na Assembleia¹⁹ com esse nome: “A Tempo”.

L.S. – Em 1983 ainda?

L.N. – Em 1983, e ele foi até 1984.

¹⁶ Margô Leni Taube.

¹⁷ Leci Ranzi. Ex integrante do Grupo de Dança da UFRGS.

¹⁸ Grêmio Náutico União

¹⁹ Referência ao Auditório da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

L.S. – Vocês ficaram um ano com ele?

L.N. – Ficamos. A gente dançou num festival de inverno na Assembleia com esse nome e elas coreografavam, mas aí não deu certo porque... E eu fui para o Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”. Fui fazer um curso no CETE²⁰ lá no Menino Deus²¹, me chamaram, porque eu tinha o grupo de dança no Estado; fui aprender uma coreografia para um evento e quem estava coreografando? A Morgada e a Nilva, porque elas foram contemporâneas aqui da ESEF. Coreografaram o “Canto Alegretense”; a Nilva gostou de mim, me convidou para ir para Os Gaúchos, estou lá até hoje.

L. S. – E boa parte do grupo foi para o “A Tempo”?

L.N. – A maioria foi para o “A Tempo”, a Margareth era a líder...

L.S. – Eu queria que tu falasses um pouco das coreografias, quais coreografias tu destacaria deste repertório, tu dançou todo repertório?

L.N. – Dancei, a maioria.

L.S. – Então queria que tu falasses um pouco de cada coreografia, das que te chamaram mais atenção.

L.N. – A que eu mais gostei foi “Brasiliando”! A Morgada adora “Colméia” mas eu não gostei da “Colméia”, vou te dizer porque: eu fazia parte do segundo elenco da “Colméia”. Eu nunca dancei a Colméia com prazer, de ficar naquele favo, altura, eu não conseguia me soltar. O “Brasiliano” eu me apaixonei, era sobre tablados, usávamos umas polainas e eu dançava a chula, no frevo, eu fazia sombrinha atrás, uma parte dos pés. Essa coreografia, de todas, das que dancei é a minha preferida porque são vários ritmos do Brasil.

L.S. – E vocês participaram também nesse processo coreografico dessa coreografia?

²⁰ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

²¹ Referência ao bairro Menino Deus em Porto alegre.

L.N. – Sim, os passos da chula a gente que criava. E aquela mudança de tablado, sobe, desce, eu adorava essa coreografia.

L.S. – E vocês pesquisavam fora do Grupo?

L.N. – Nós não. A Morgada pesquisava, quando ia montar a coreografia, falava a história, ou o que ela pretendia, sempre trazia uma informação.

L.S. – E tu acha que teve alguma influência da época, o que acontecia em dança na época que poderia ter influenciado essa coreografia no caso?

L.N. – Do “Brasiliando”?

L.S. – É...Algum outro grupo no país fazia alguma coisa parecida com essa temática, alguma coisa assim?

L.N. – Eu não lembro.

L.S. – Que motivou a Morgada a fazer essa coreografia, tu lembra?

L.N. – Eu acho que foi entrar em temas mais populares, ela queria mudar. [A entrevistada volta a apresentar o álbum de fotografias do álbum] Aqui uma poesia de Vinícius de Moraes fazíamos uma performance. Aqui eu sou o porquinho, aqui era “Os Gatos”²² era linda também; eu gostava da dança, mas não gostava da roupa. Aqui é na sala em São Paulo, que a gente está em ensaiando. Essa coreografia “Brincadeiras” é das gurias, não sei se da Margareth ou da Margô, essas participações na chegada do Papai Noel.

L.S. – E vocês tinham consciência do que acontecia na cena da dança... Porto Alegre sim, que tu já falaste que participavam com outros grupos, assistiam, mas...

²² Referindo-se a coreografia Rapsódia Felina.

L.N. – Sim, porque fazíamos muitos cursos. A Mudança²³, na época, proporcionava vários cursos e a Morgada mandava a gente fazer cursos de jazz; fazia íamos ao Rio²⁴ nas férias fazer cursos com a Marly Tavares²⁵, o Lennie Dale²⁶.

L.S. – Mesmo fora do Estado?

L.N. – Sim... a Morgada nos motivava para isso...Assim que o Grupo foi crescendo, para ter uma performance melhor?

L.S. – Vocês tinham acesso ao que acontecia na cidade, no Estado, no mundo, em termos de dança?

L.N. – Sim. A Morgada conversava, às vezes assistíamos vídeos. Não era, assim:o Grupo da UFRGS, fechado aqui.

L.S. – O fato de estar dentro da Universidade significava exatamente o que, na tua visão?

L.N. – Aqui era o nosso espaço, a nossa sede de ensaio. O que a gente mais gostava era de estar apresentando, sempre.

L.S. – E apresentavam bastante?

L.N. – Bastante. Até em eventos de rua, praça, eu só tenho um registro... Eu não sei porque a gente não tirava tanta foto na época, as máquinas...e todas nós temos poucas fotos...

L.S. – Sim, a Margô tem um álbum assim como o teu.

L..N – Eu guardo tudo, vou seguir guardando as coisas.

²³ Academia Mudança em Porto Alegre.

²⁴ Cidade do Rio de Janeiro.

²⁵ Marly Tavares, bailarina, coreógrafa e cantora, formada em Balé Clássico pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

²⁶ Leonardo La Ponzina, mais conhecido como Lennie Dale, coreógrafo, dançarino, ator e cantor ítalo-americano radicado no Brasil.

L.S. – Então o “Brasiliando” é a coreografia que tu destacarias?

L.N. – Para mim, a que eu mais gostei. E tanto é que fui para o folclore, eu danço xaxado, danço samba, danço batuque, danço frevo, danço gaúcho e eu adoro dançar folclore. Acho que por isso que eu me encantei tanto com essa coreografia. Essa aqui [A entrevistada exhibe fotos] bem clássica, era “Panos”; essa eu gostava também era “Pop Jazz”; essa aqui não gostava de dançar, era muito parada, com bolas... A Morgada diversifica os ritmos.

L.S. – Essa aqui é qual?

L.N. – Essa era “Tour de Force”. Acho que é isso. Essa: “Jangada”... o Anchieta²⁷ era o pescador e eu era uma gaivota. Essa “Antagonismo”, branco e preto, preto e branco.

L.S. – Lucélia, eu estou satisfeita, mas se tu quiseres falar mais alguma coisa que eu não tenha te perguntado sobre o Grupo...

L.N.– Dança criativa, é o forte da Morgada. O Grupo de Dança da UFRGS é a marca da Morgada. Ela fez esse tema bem atual, sobre africanos, “Os Desterrados”, em 2012, toda uma montagem nova, mas quem assistiu, quem dançou com ela vê: é o estilo da Morgada. Morgada marcou época. Então eu me emocionei, chorei assistindo, da plateia eu digo: “Eu queria estar lá fazendo, nem que fosse a figurante empurrando a moenda”.

L.S. – Fica para a próxima.

L.N.– Foi uma época importante e maravilhosa para mim, para a minha vida profissional... Toda criatividade que eu tenho, de tudo tentar fazer, eu aprendi com a Morgada, com certeza. O que interessava para a Morgada? A expressão. Ela sempre - não falei antes - mas isso é marca dela também... É a expressão no movimento, então, se não tivesses uma perna maravilhosa, ou fosses pouco flexível, mas realizavas movimentos com toda a expressão, bastava para ela!

L.S. – Ela trabalha em cima dos potenciais?

L.N. – Exatamente. Ela dividia a gente em grupos na coreografia e explorava; alunas como a Margareth, nas historinhas era o Gato de Botas porque ela tinha pernas maravilhosas, e a gente era o quê? O porquinho, mas todo mundo... Não tinha uma participação menor no espetáculo, porque a Morgada sabia que a gente podia dar conta daquele papel, com a intensidade que ela queria, ela era ótima. Isso aprendi para trabalhar na escola; tu separas os grupos, vê o potencial do aluno, não podes frustrar ninguém, todo mundo que está ali quer participar. A Morgada era super mestre nisso, uma pena que ela acabou com o Grupo naquela época.

L.S. – Sim, no auge né?

L.N. – Tu vê, tinha o espaço, o Salão de Atos, o apoio da Universidade, tudo.

L.S. – E vocês todas muito jovens ainda, não é?

L.N. – Claro, e ela tinha um Grupo na mão, tinha toda uma universidade para poder, renovar a cada ano.

L.S. – Sim, sempre teriam jovens bailarinos.

L.N. – Exatamente. Ela poderia estar com o grupo até hoje, mas a gente não sabe porque as coisas acontecem.. Mas...eu queria ter continuado até hoje dançando nesse grupo e tendo a Morgada Cunha como minha mestra!.

L.S. – Obrigada Lucélia

[FIM DO DEPOIMENTO]

²⁷ José Anchieta.